



UNIP - UNIVERSIDADE PAULISTA

CURSO: PEDAGOGIA

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO SEXUAL NO ENSINO INFANTIL

São Paulo - SP

2020

UNIP

Nome do Aluno

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO SEXUAL NO ENSINO INFANTIL

Trabalho Monográfico — Curso de Graduação —
Licenciatura em pedagogia, apresentado à
comissão julgadora da UNIP Ead.

São Paulo – SP

2020

Silva do Nascimento, Evelyn.

A Importância da Educação na Educação Infantil/
Evelyn Silva do Nascimento. Agosto de 2022.

f. 40

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os meus familiares e amigos que me incentivaram em vários momentos do curso a sempre buscar mais conhecimento.

Dedico também a todos os familiares, crianças ou/e adolescentes que se identifiquem com a situação do tema apresentado ou relacionados.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	pág. 7
1.1 A TRAJETÓRIA DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL.....	pág.
1.2 EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL.....	pág.
2. EDUCAÇÃO SEXUAL INFANTIL.....	pág.
2.1 EDUCAÇÃO SEXUAL E SUA RELAÇÃO COM A FAMÍLIA E A ESCOLA..	pág.
2.2 O ABUSO SEXUAL INFANTIL.....	pág.
2.3 EDUCAÇÃO SEXUAL EMANCIPATÓRIA.....	pág.
3. METODOLOGIAS NA EDUCAÇÃO SEXUAL.....	pág.
3.1 ANÁLISE DA RELAÇÃO JOGO E EDUCAÇÃO.....	pág.
3.2 ABORDAGEM CIENTÍFICA DO JOGO INFANTIL.....	pág.
3.2.1 JOGOS DE EXERCÍCIO.....	pág.
3.2.2 JOGOS SIMBÓLICOS.....	pág.
3.2.3 JOGOS DE REGRAS.....	pág.
3.3 O BRINCAR E A CRIANÇA.....	pág.
3.4 O DIREITO DE BRINCAR.....	pág.
4. A FORMAÇÃO LÚDICA DO PROFESSOR.....	pág.
5. O BRINCAR E A SEXUALIDADE.....	pág.
6. CONCLUSÃO.....	pág.
7. REFERÊNCIAS.....	pág.

A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO SEXUAL NO ENSINO INFANTIL.

Autor

RESUMO: A educação sexual faz-se cada vez mais necessária como intervenção nos espaços educativos, já que contribui para a edificação da personalidade de cada indivíduo, além de auxiliar nos cuidados com a saúde, higiene e bem-estar. Para tal, a sexualidade neste deve ser observada como um dos pilares da identidade pessoal, além de compreendida como processo fundamental do desenvolvimento integral do indivíduo social. Abrangeremos tanto a consideração das funções atribuídas à família, sejam educativas ou indiretamente educativas, como o impacto dos pais sobre o desenvolvimento e a educação nas pautas infantis, assim como nas experiências educativas que oferecem aos filhos, intencionalmente ou não. Para tal, utilizaremos como metodologia a pesquisa quantitativa, realizada através de livros, revistas, sites e outros. Nos aprofundaremos no que é a educação infantil, como se aplica a educação sexual, dos profissionais e características para o caso, assim como a metodologia a ser aplicada em sala de aula afim de esclarecer o cuidado com a delicadeza de tal assunto.

PALVRA-CHAVE: educação, sexualidade, identidade, infantil.

ABSTRACT: Sexual education is increasingly necessary as an intervention in educational spaces, since it contributes to the building of the personality of each individual, besides assisting in health care, hygiene and well-being. To this end, sexuality in this must be observed as one of the pillars of personal identity, in addition to being understood as a

fundamental process of the integral development of the social individual. We will cover both consideration of the functions assigned to the family, whether educational or indirectly educational, as the impact of parents on development and education on children's agendas, as well as on the experiences that they offer their children, intentionally or unintentionally. To this end, we will use quantitative research, carried out through books, magazines, websites and others, as methodology. We will delve into what early childhood education is, how sex education, professionals and characteristics for the case, as well as the methodology to be applied in the classroom in order to clarify care for the delicacy of such a subject.

KEY-WORDS: educational, sexuality, identity, infantile.

1 INTRODUÇÃO

Este projeto analisará a importância da educação sexual nas escolas através de jogos e brincadeiras, afim de orientar cuidadosamente pais e alunos.

O objetivo principal deste é mostrar que a educação sexual não deve ser vista como desagradável, vez que o conhecimento sobre este é didático e informativo e auxiliará a criança a assimilar o conceito de responsabilidade com sua saúde, higiene e bem-estar de forma mais divertida e educativa para todos. Considera-se neste que a escola, em seu papel de educadora, não pode ignorar as questões sexuais emergentes aos que a ocupam. A omissão por parte da escola e família faz com que crianças e adolescentes procurem informações em fontes menos seguras e mais propícias à excessividade, como revistas, internet ou amigos tão despreparados quanto os questionadores.

1.1 A TRAJETÓRIA DO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Como apreciado no Referencial Curricular de educação infantil (RCEI), o “cuidar” demanda a união de diversos campos e variados profissionais que auxiliem a compreensão e desenvolvimento do ser

humano. Isso inclui, levar em consideração o que a criança pensa ou sente, não apenas em relação ao mundo, mas sim, em relação a si mesma e seu bem-estar biológico e psicológico.

O desenvolvimento integral depende dos cuidados relacionais, que envolvem a dimensão afetiva e dos cuidados com os aspectos biológicos do corpo, como a qualidade da alimentação e dos cuidados com a saúde, quanto da forma como esses cuidados são oferecidos e das oportunidades de acesso e conhecimento variados. (RCNEI, 1998:24)

Passa-se a partir de então a oferecer a educação infantil, não apenas para compartilhar conhecimentos para o desenvolvimento, como também para evoluir as interações sociais e físicas, formando um cidadão. Para isso, vê-se que o ato de educar inclui a função de cuidar, para isso, a articulação de práticas que estruturam o fazer pedagógico na educação infantil, contribuindo para o processo de crescimento, devem levar em consideração o bem-estar no âmbito escolar.

1.2 A EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

Conhecida por ensino infantil, a educação infantil é a primeira etapa da educação. Ela abrange crianças de zero a cinco anos em seus primeiros contatos com a escola, integrando ensino e cuidado, além de funcionar como um complemento da educação familiar. Sua finalidade é promover nos estudantes o desenvolvimento físico, motor, cognitivo, emocional e social. É também nesta fase em que as crianças começam a interagir com pessoas fora de seu círculo familiar através de jogos e atividades lúdicas.

Considerada uma das etapas mais importantes, esta funciona como base para o desenvolvimento da personalidade e da autonomia, a criação de laços de amizade e as descobertas em diferentes áreas do conhecimento. A educação infantil funciona como uma base para as demais etapas da educação formal, e o aproveitamento máximo desta

etapa permite que as crianças cresçam com autonomia e tenham mais sucesso em sua vida escolar e individual.

Como proposta pedagógica, prevê-se a realização de jogos, brincadeiras e atividades prazerosas que, além de ensinar, divertem; tornando o processo de construção do conhecimento muito mais divertido.

No Brasil, a educação infantil é direito da criança, sendo assim, o estado é obrigado a disponibilizar espaços e profissionais adequados para atendê-la corretamente durante seu desenvolvimento. Por isso, encontramos instituições de ensino públicas que atuam como creches e/ou pré-escolas, porém, diversas escolas particulares também oferecem a educação infantil, o que dá aos responsáveis a chance de optar pela que melhor atende às suas necessidades.

2 A EDUCAÇÃO SEXUAL INFANTIL

Inicialmente, devemos destacar que a educação sexual não ensina a crianças ou adolescentes o ato sexual, mas sim explicações didáticas sobre seu corpo e sua sexualidade, assim como sua saúde.

A educação sexual infantil é tremendamente importante atualmente pois trata-se de uma das formas de prevenir o abuso sexual infantil. Crianças que tiveram orientação sexual correta e discutiram a sexualidade como algo natural adiaram o início de sua vida sexual e se desenvolveram emocionalmente e sexualmente melhor.

A educação sexual deve levar a criança a entender os aspectos de intimidade, autoproteção, consentimento, sentimentos e a diferença entre toques agradáveis e consentidos dos que são invasivos e desconfortáveis. Sendo assim, é essencial para a formação natural e integral de todo ser humano. Afinal, a violência sexual pode ser difícil de identificar, pelo fato de, muitas vezes, não deixar marcas físicas. Estudos demonstram que crianças e adolescentes, quando vítimas de abuso sexual, em contexto familiar, são também vítimas de negligência, abusos físicos e emocionais.

2.1 EDUCAÇÃO SEXUAL E SUA RELAÇÃO COM A FAMÍLIA E A ESCOLA

De acordo com Papalia (2013) os seres humanos possuem um desenvolvimento por etapa, um processo de transformação que se segue até o fim da vida.

Do 3º para o 4º ano de vida, a criança começa a apresentar curiosidade sobre as coisas à sua volta, inclusive sua sexualidade.

De acordo com Freud (1970, p. 119), a teoria de apenas um órgão sexual para todos os homens é a primeira que se apresenta entre as crianças, sendo assim, é importante satisfazer a curiosidade infantil, do contrário, esta pode expressar ansiedade difusa ou evoluir para distúrbios de personalidade, como depressão ou ansiedade. Ainda assim, devemos respeitar os limites de entendimento e a especificidade da questão a que se refere, afim de não gerar mais questões para as quais, a depender da idade, não acompanham sua evolução.

Atualmente, a família continua sendo o núcleo básico das primeiras representações acerca da identidade de gênero dominante e os papéis sexuais tradicionais, mas a escola é o espaço de socialização, onde convivem ambos homens e mulheres culturalmente construídos com suas especificidades, atividades e situações as quais as crianças são expostas e que estão diretamente ligados a condicionantes sociais e políticos amplos.

A influência sexual da família sobre a criança ocorre direta ou indiretamente através das experiências educativas oferecidas às crianças, intencionais ou não. De modo não intencional, ocorre nas mensagens cotidianas que a sociedade ou cultura, presente em discursos familiares, religiosos, midiáticos ou de comentários adversos. Intencionalmente, de modo planejado e organizado tem-se a orientação sexual, que desde 1996 é previsto como tema proposto na Lei de Diretrizes e Bases (LDB), e como tal, recomenda ao professor a tarefa da educação sexual no contexto escolar.

Não constituem novas áreas, mas antes um conjunto de temas que aparecem transversalizados nas áreas definidas, isto é, permeando a concepção, os objetivos, os conteúdos e as orientações didáticas de cada área no decorrer de toda a escolaridade obrigatória. A transversalidade pressupõe um tratamento integrado das áreas e um compromisso das relações interpessoais e sociais escolares com as questões que estão envolvidas nos temas, a fim de que haja uma coerência entre os valores experimentados na vivência que a escola propicia aos alunos e o contato intelectual com tais valores [MEC/Brasília, vol. 1: 1997, p. 64].

Devemos destacar que para ser um professor de educação sexual eficiente é preciso que este saiba reconhecer que a sexualidade pode ser tratada na escola de modo pedagógico, e ainda, possuir conhecimento básico sobre sexualidade no desenvolvimento humano.

2.2 O ABUSO SEXUAL INFANTIL

A violência sexual é uma das formas mais graves de falta de respeito quanto à criança, pois invade seu espaço pessoal utilizando-se de força sem consentimento, e infelizmente, pode se dar de duas maneiras: o abuso sexual ou a exploração sexual. O abuso sexual trata-se de quando um adulto, seja homem ou mulher, busca satisfazer seus desejos sexuais com um menino ou menina menor de idade; ainda, o abuso se dá oralmente (através de falas abusivas) ou fisicamente (através do toque). Já a exploração sexual, acontece quando a criança ou adolescente sofre abuso em troca de algo, como dinheiro, comida, roupas ou moradia.

De acordo com Gabal (1997), tal experiência poderá interferir no desenvolvimento, considerando que a criança e/ou adolescente ainda não possuem independência emocional ou maturidade plena, caracterizado por coerção física ou psicológica e violando diretamente as regras sociais e papéis familiares. Atualmente, a internet facilitou a atuação de tais criminosos, que chegam até mesmo a divulgar seus atos nefastos em grupos, onde trocam fotos e vídeos das vítimas

A falta ou ineficácia de abordagens estratégicas e ações prioritárias são fatos que deixam a criança ou adolescente ainda mais vulnerável sobre o seu direito à vida e à saúde.

No contexto da saúde para a infância e adolescência, é necessário considerar que a proteção do direito à vida e à saúde de crianças e jovens é dever social do Estado. Para tanto, informações sobre a saúde sexual e reprodutiva aos jovens devem ser tratados como um dilema de saúde pública.

A gravidez afeta eminentemente as trajetórias dessas vidas ao impulsionar as meninas à maternidade antes de estarem preparadas física, emocional ou financeiramente, por vezes perpetuando os ciclos intergeracionais de pobreza. Sabe-se que na fase da adolescência, especificamente durante a puberdade, o indivíduo sofre mudanças corporais e hormonais significativas, fazendo com que o adolescente sintasse fisicamente interessado em ter relações sexuais. E são dessas relações que, frequentemente, vemos ocorrer uma gravidez indesejada (Schwanke e Pinto, 2010, p. 156).

2.3 EDUCAÇÃO SEXUAL EMANCIPATÓRIA

Paulo Freire, grande defensor da educação sexual nas escolas, apresenta que a sexualidade é uma dimensão inseparável do ser humano.

Tal educação sexual emancipatória procura identificar os estereótipos sexuais e questionar seus fundamentos e representações, educando quanto a compreensão da identidade de gênero, afim de representar masculino e feminino como iguais em expressões culturais, subjetivas e ontológicas.

3. METODOLOGIAS NA EDUCAÇÃO SEXUAL

Para Vygotsky (1998), é grande a influência dos brinquedos no desenvolvimento infantil. É no brinquedo que a criança aprende a agir numa perspectiva cognitiva. Já para Jean Chateau (1995), "o jogo prepara para o trabalho, sendo introdutório ao grupo social. Para a criança maior, jogar é cumprir uma junção, ter um lugar na equipe, o jogo, como trabalho, e, por conseguinte, social. O jogo é atividade de grupo" (p. 53), por sua vez, Santos (1998), sugere que o papel do professor durante os jogos deve ser o de provocar e desafiar a participação coletiva na busca de encaminhamento e resolução de um determinado problema. Pois é através do jogo que podemos despertar e incentivar a criança para o espírito de companheirismo e de cooperação. Porém, para Brougere (1998), o termo jogo não é um conceito construído, é uma noção aberta, polissêmica e às vezes ambígua.

Trata-se de uma questão essencial que é saber por que fenômenos "jogos" evocam empregos derivados ou metafóricos e foram designados pelo mesmo termo. "Saber porque usamos o mesmo termo em situações diferentes é explorar a linguagem em seu funcionamento e, ao mesmo tempo, reunir indícios que permitirão descobrir as representações

associadas à palavra jogo" Kishimoto (2000), avança em seu estudo, ao se reportar às pesquisas de cunho interacionista que explicitam o jogo infantil concebido, como construção, o resultando de processos sociais ou oferecendo novos fundamentos teóricos no lugar do jogo no espaço da educação infantil.

3.1 ANÁLISE DA RELAÇÃO DE JOGO E EDUCAÇÃO

Antes do século XIX, não se pensava no jogo como algo educativo. Este, apareceu ligado a uma atividade fútil, colocando-se em dúvida a relação entre jogo e sanidade. Segundo Brougere (1998), ainda que o jogo seja ligado ao frívolo, seu valor educativo foi amplamente evocado no decorrer dos dois últimos séculos:

"A frivolidade do jogo não impede que nele se veja um lugar de educação. A civilização ocidental, onuda da romana rompeu indebitamente essa associação complexa antes que a modernidade, pelo menos a do romantismo, a restabelecesse em novo campo, aquele da infância" (Brougere, 1998, p. 49)

Mas, essa ruptura traz uma nova maneira de conceber a criança. Trata-se de romper com as representações que se tinha da infância até então. O jogo é assim concebido como um artifício pedagógico que permite ao educador explorar a personalidade infantil.

"O educador justifica a interrupção do ensino sob a forma de recreação, estabelece interditos para evitar qualquer desvio contrário aos objetivos da educação, mas deixa as crianças livres para determinar seu conteúdo considerado como sem importância, desvalorizado de antemão por sua futilidade fundamental" (Brougere, 1998, p. 54)

Uma outra concepção pode ser encontrada nos tempos modernos, visto que o jogo possui um lugar na educação, ainda que com

características bem definidas, para tal, o jogo torna-se um meio de seduzir a criança afim de encorajá-la à atividade não atrativas em sua idade.

"Deve então ter a impressão de que está jogando É preciso enganar a criança para fazê-la trabalhar, sem que se dê conta realmente disso não tem um valor educativo, mas o estudo deve assumir o aspecto do jogo para interessar à criança omitindo sua finalidade, sua virtude educativa que não são questionadas "(Brougere, 1998, p. 55).

É necessário, com a evolução do pensamento pos-rousseauianos que se lance outro olhar sobre o jogo e sua relação com a educação, explicitando o papel determinante da filosofia romântica na transformação de um pensar sobre a brincadeira, quando assimilada à concepção da criança.

De acordo com Brougere (1998), é a partir da obra de Jean Paul Apud, um precursor do romantismo alemão, que o jogo vai assumir um importante papel. Este, se revelará como fator de desenvolvimento dos sentidos e desenvolvimento motor. E ainda, Jean Paul cita que o jogo evoca o aspecto social, incitando a criança a buscar mais respostas em torno deste.

"Onde a criança poderá manifestar e exercer sua autoridade. sua oposição, sua generosidade, sua ciemência em resumo todas as raízes e as flores da sociedade, se não for em um estado livre, entre seus semelhantes? Eduquem as crianças pelas crianças. A entrada na sala de jogos é para elas, a do mundo, e é a troca com seus pares que desenvolve forças intelectuais" (Jean Paul Apud Brougere, 1998, p 65)

Também fiel ao pensamento romântico, Froebel (1912), teve uma influência real na educação infantil. Sua doutrina organiza de modo sistemático o que chamamos hoje de educação Froebel.

"A brincadeira é a atividade espiritual mais pura do homem neste estágio e, ao mesmo tempo, típica da vida humana enquanto um todo- da vida natural interna no homem e de todas as coisas Ela da alegria, liberdade, contentamento, descanso interno e externo, paz

com o mundo. A criança que brinca sempre, com determinação auto ativa, perseverando, esquecendo sua fadiga física, pode certamente tornar-se um homem determinado, capaz de auto-sacrifício para a promoção de seu bem e de outros. Como sempre indicamos, o brincar em qualquer tempo não é trivial, é altamente sério e de profunda significação (Froebel 1912, p. 55)

3.2 ABORDAGEM CIENTÍFICA DO JOGO INFANTIL

Em base do romantismo, no final do século XIX, ocorre o nascimento da psicologia e princípios científicos que entram em cena para descobrir a relação entre jogo e educação a fim de justificá-la enquanto atividade educativa, o que apresenta diversos fundamentos a partir de diferentes referenciais teóricos.

Para Brougere (1998), a ciência do século XIX irá recuperar a ideia determinista e inatista de aprendizagem contida nas concepções de criança e brincadeiras evocadas pela filosofia antiga transformando a brincadeira em uma atividade que possibilita um pré exercício da vida adulta.

Já para Piaget (1978), ao realizar um estudo sobre a evolução do jogo em sua contribuição para o desenvolvimento cognitivo da criança, verificou-se que há uma tendência lúdica já nos primeiros meses de vida do bebê quanto ao jogo de exercício sensório-motor.

Existem, segundo Piaget (1978), três categorias básicas de atividade lúdica que caracterizam a evolução do jogo na criança, de acordo com a fase do desenvolvimento em que aparecem.

3.2.1 JOGOS DE EXERCÍCIO

A atividade lúdica surge, inicialmente, sob a forma de simples exercícios motores, dependendo para a sua realização apenas da maturação do aparelho motor. Sua finalidade é tão somente o próprio

prazer de funcionamento. Daí dizer que o que caracteriza esse tipo de jogo é o prazer funcional.

3.2.2 JOGOS SIMBÓLICOS

Em determinada idade (geralmente no período dos dois aos seis anos), a tendência lúdica se manifesta predominantemente em forma de jogos simbólicos, ou seja, um jogo onde se utiliza da imaginação, como por exemplo, os jogos de imitação.

O jogo simbólico se desenvolve a partir dos esquemas sensório motores que à medida que são interiorizados, dão origem à imitação, e, posteriormente à representação. Essa categoria do jogo aparece geralmente na fase da inteligência sensório motora, onde a criança está descobrindo o que é capaz de fazer fisicamente, dobrando ou pulando o quanto pode.

A função desse tipo de atividade lúdica, de acordo com Piaget (1975:29) consiste em satisfazer o eu por meio de uma transformação do real em função dos desejos, onde a criança que brinca com boneca refaz sua própria vida, corrigindo-a à sua maneira, e revive todos os prazeres ou conflitos, resolvendo-os e compensando-os, ou seja, completando a realidade através da ficção, como quiser.

3.2.3 JOGOS DE REGRAS

A terceira forma de atividade lúdica é o jogo de regras, que implica a intervenção de regras e ainda, apresenta as relações sociais ou interindividuais em que a cooperação deve necessariamente aparecer.

Conforme Piaget, os jogos são combinações sensório-motoras ou intelectuais onde há competição entre indivíduos que estão regulamentados através de um determinado código (1975, p. 185).

3.3 O BRINCAR E A CRIANÇA

Desde o nascimento, as crianças são mergulhadas no contexto social dos adultos que convivem com elas quando estas se transformam em parceiros de seus jogos e brincadeiras. Alguns desses adultos cantam, transmitem conhecimentos e ensinam brincadeiras, já outros, pensam que as crianças não entendem nada e que só é preciso cuidar para que não fiquem doentes, não passem fome, frio ou sede. Mas, a brincadeira é uma forma privilegiada de aprendizagem. Na medida em que vão crescendo, as crianças trazem para suas brincadeiras o que veem, escutam, observam e experimentam. Sendo assim, as brincadeiras ficam mais interessantes quando as crianças podem combinar os diversos conhecimentos a que tiveram acesso. Nessas combinações, muitas vezes inusitadas aos olhos dos adultos, as crianças revelam suas visões de mundo, suas descobertas.

Atualmente, as crianças começam a frequentar cada vez mais cedo as instituições voltadas para elas, como as creches e as escolas de Educação Infantil. Nesses espaços, o brincar é, muitas vezes, desvalorizado em relação a outras atividades, que são consideradas mais produtivas. A brincadeira acaba ocupando o tempo da espera, ou o chamado de intervalo.

Ao observarmos atentamente o modo como as diferentes crianças brincam é possível perceber que os usos que fazem dos brinquedos e a forma de organizá-los estão relacionados com seus contextos de vida e expressam visões de mundo particulares.

O objetivo geral dos jogos e das questões atuais que envolvem a criança e brinquedo é possibilitar que os adultos envolvidos com a educação reflitam e desenvolvam ações, tendo como base a importância e a necessidade do ato de brincar para compreender o que está em jogo quando a criança brinca se faz necessário analisar o suporte material ou imaterial que desencadeia tal ato, o ambiente, os momentos a ele destinados e as pessoas que dele participam.

3.4 O DIREITO DE BRINCAR

Quando pensamos nas características que seriam genuinamente infantis nos deparamos com questões que remetem à nossa condição de adultos, mas o que caracterizaria ser adulto? O que diferencia a infância da fase adulta? Quando deixamos de ser crianças?

A noção de infância não é uma categoria natural, mas sim histórica e cultural. A diferenciação entre crianças e adultos vai depender do contexto e das condições sócio-históricas e culturais em que vivem.

Numa perspectiva histórica sobre a infância na Europa, os estudos de Philippe Aries (1986), revelaram que a ideia de infância, no sentido de diferenciação do adulto, é uma construção da modernidade, começando a surgir nos finais do século XVII, nas camadas superiores da sociedade, e se sedimentando no séc. XVIII. De acordo com este, na Idade Média, assim que a criança se tornava mais independente em relação aos cuidados da mãe ou da ama, logo se inseria na sociedade dos adultos, participando dos seus trabalhos e jogos. As crianças adquiriam seus conhecimentos junto aos adultos, sendo entregues às famílias, muitas vezes desconhecidas, para serem educadas, prestarem serviços domésticos ou aprenderem algum ofício.

A escola da Idade Média não se dirigia especificamente à criança:

"Foi a partir de uma série de mudanças na sociedade ascensão da burguesia, difusão do impresso e crescente interesse pela alfabetização e moralização que a separação ocorre. A criança deixa de ser misturada aos adultos e de aprender a vida diretamente, através do contato com eles, sendo separada dos adultos e mantida à distância numa espécie de quarentena, antes de ser solta no mundo essa quarentena foi a escola, o colégio. Começou então um longo processo de enclausuramento das crianças (Philippe Aries, 1986 ,p.11).

Ainda, esse processo só foi possível com a cumplicidade da família, que passou a experimentar uma afeição pela criança, trazendo para si a

responsabilidade pela sua proteção e formação, e tornando-se nuclear. A sociabilidade extensiva do Antigo Regime, então passou a ser substituída por uma socialização mais restrita à família e à escola.

Como o próprio autor coloca, não se pode dizer que as crianças eram negligenciadas ou tratadas com desprezo, especialmente porque os pequenos eram paparicados, ainda que não houvesse um real sentimento de infância. Foi a importância dada à educação que trouxe as crianças para o núcleo familiar e, com ela, ingredientes contraditórios passaram a fazer parte da sua formação: a ternura e a severidade.

Sentimentos traduzidos em forma de “mimos” dos adultos para a criança, por considerá-la ingênua, inocente e graciosa, e em “moralização”, por considerá-la como um ser até então incompleto e imperfeito, que precisa ser educado, se estendem até os dias atuais, trazendo a dualidade anunciada por Pinto (1997), em que uns valorizam aquilo que a criança já é e o que a faz ser, de fato, uma criança.

Uns insistem na importância da iniciação ao mundo adulto, outros defendem a necessidade da proteção em face desse mundo. Uns encaram a criança como um agente dotado de competências e capacidades, outros realçam áreas nas quais estas carecem. As pesquisas de Aries e as reflexões advindas a partir delas, embora bastante importantes e inovadoras ao trazerem o sentimento de infância enquanto uma construção histórica, estas sofreram críticas na época de sua publicação pela própria interpretação do autor em relação à não existência do sentimento de infância no Antigo Regime, e ainda, por refletirem uma realidade europeia que, embora tenha tido uma forte influência no mundo ocidental, não pode ser transportada mecanicamente para outras realidades sociais como, por exemplo, a brasileira.

4. A FORMAÇÃO LÚDICA DO PROFESSOR

Evoluímos muito no discurso acerca do brincar, e passamos a reconhecer cada vez mais seu significado para a criança e suas possibilidades nas áreas de educação, cultura e lazer, e estamos cada vez mais cientes dos riscos que corremos.

Na educação, muitas vezes, fazemos com que um jogo fantástico seja visto mais pela oportunidade de ensinar cores como se elas não estivessem no mundo que pelas suas possibilidades de favorecer as relações sociais, de suscitar medo e alegria, de provocar o grupo a encontrar soluções para um desafio. Ao atribuir a um brinquedo ou brincadeira uma função didática é importante termos o cuidado de preservar sua essência lúdica.

Precisamos nos lembrar de que crianças aprendem o mundo menos pelos seus brinquedos e jogos e mais pelas relações humanas que as cercam. Muitas vezes, uma proposta instigante de um professor pode ser mais interessante para as crianças do que uma brincadeira.

Os brinquedos e jogos são importantes por aquilo que possibilitam. A supervalorização do objeto, em uma inversão de valores, acaba trazendo muita ansiedade às crianças e aos seus educadores. O acervo, por sua vez é importante por tudo o que pode oferecer. Este, ainda diz muito de uma proposta lúdica, tanto pelos tens incluídos, como por aqueles

excluídos, tanto por sua qualidade e quantidade, quanto pela maneira como está disposto. Mas, do mesmo jeito que não se constrói uma escola apenas com quadro-negro, giz, cadernos e lápis, não se constrói um espaço lúdico apenas com uma sala de jogos e brinquedos. Ele, como a escola, não existe sem adultos e crianças envolvidos em uma proposta.

Na área da cultura, por exemplo, o lúdico aparece com muita frequência no "resgate das brincadeiras tradicionais" do mês de agosto, mês do Folclore, em uma ótica de cultura, memória e história estáticas.

Podemos enxergá-las melhor com os olhos de Sonia Kramer (1998), para quem a formação cultural é "direito de todos se considerarmos que todos (crianças, jovens e adultos) somos indivíduos sociais, sujeitos históricos, cidadãos e cidadãs que têm direitos sociais, que são produzidos na cultura e produtores de cultura" (p. 209).

A infância integra os adultos que somos hoje. Por isso, buscar o brincar e a infância é estar com o adulto de hoje e não com a criança de ontem. Para isso, precisamos perceber o brincar como ato de descoberta, de investigação, de criação. Os olhares críticos sobre as intervenções existentes estão longe de ser uma crítica aos professores, ao contrário, há a intenção e compreensão em razão destas práticas e o defender do direito do professor a uma formação lúdica acerca do lúdico.

Formação esta que lhe permite experimentar, descobrir, conhecer as possibilidades para si próprio, na perspectiva de que esta seja uma experiência transformadora, que contribua para a construção de uma outra concepção do lúdico e para uma intervenção de melhor qualidade junto aos seus alunos, independentemente da idade que eles tenham.

Acredita-se que a ampliação e a diversidade de experiências oferecidas as crianças lhes fornecem mais elementos para o seu processo de construção de conhecimento e para o desenvolvimento da sua imaginação e da sua capacidade. Não deveríamos acreditar, também, que a experiência acumulada do professor está relacionada à sua imaginação, assim como à sua capacidade de criar? Quando pensamos nos adultos,

vemos, quase sempre, sua criação como inspiração, como um dom que se tem ou não se tem. Não consideramos que a experiência cultural do adulto pode favorecer sua imaginação, e, provavelmente por isso, a contemplamos pouco nos cursos para educadores quanto à criação e ludicidade e suas muitas semelhanças, tais essenciais ao processo de formação do ser humano.

Muitas vezes, na fase inicial da formação, os adultos só se permitem brincar fazendo de conta que são crianças, imitando comportamentos que depreciam, ironizando, debochando, e, obviamente, explicitando seu olhar sobre o brincar. Nestes casos, infantilizar é sinônimo de reduzir, de diminuir. Mas, não apenas o brincar, mas a criança que brinca em si. As concepções de criança, brincar e infância não aparecem de forma dissociada. Elas se entrelaçam no discurso, explicitam-se na prática e nos desafiam na coerência. Coerência que não cai do céu, mas que se busca, que se conquista a cada dia, a cada vez que nos damos conta dos nossos tropeços, a cada vez que permitimos que uma observação preciosa nos chegue por uma criança ou professor e siga dele para seus alunos. Se a nossa formação de educadores não é linear, não vem de um curso para isto ou acontece em qualquer área, é no brincar que observamos a criança mais à vontade para intervir, contribuir e lançar propostas desafiadoras ao professor, sugerindo formas de dificultar a brincadeira, e conseqüentemente, aprofunda conhecimentos por livre vontade.

O lúdico é o espaço de estar com as crianças e com os adultos. Não seria possível pensar as brincadeiras para a criança sem considerá-las como uma oportunidade também para o educador. Se o jogo na escola é, antes de tudo, um jogo, o professor não seria diante dele, antes de tudo, um brincante?

É importante que a formação amplie o repertório de brinquedos e brincadeiras - uma demanda legítima - e evidencie a ludicidade na vida do adulto-professor. Quando um adulto explicita sua sensação dizendo "Foi

muito bom brincar, eu me senti criança outra vez!" ou "O curso despertou a criança guardada em mim", pode-se entender seu sentimento menos pela criança e pelo brincar e mais pelo humano e pelo lúdico. Não será nunca apenas brincar, é o estar atento, sentir frio na barriga, raciocinar, gargalhar, competir com os outros e consigo próprio, ser curioso, ter prazer, cooperar, descobrir-se na relação com os outros, ser ágil, surpreender-se com a atitude do outro, emocionar-se. É difícil esgotar a riqueza de contribuições que os jogos e brincadeiras podem trazer para o desenvolvimento humano de seres pequenos, jovens ou adultos, quando estes se dispõem ao mesmo.

Buscamos sempre situações favorecedoras de integração entre as crianças, sabendo da sua riqueza para o desenvolvimento humano. E com os professores, o que temos feito para alterar a concepção de um trabalho tão individualizado?

Em uma experiência de formação que tinha como uma das atividades a confecção de tabuleiros de jogo, observamos contribuições imprevistas: "Foi muito bom trabalharmos em pequenos grupos: uma tinha mais jeito para pintar, outra para escrever as regras. Cada uma fez o que mais gostava e quando a gente viu, estava pronto", disse uma das professoras. Outra comentou "Se cada professor fosse fazer para sua turma ia demorar muito, desistiríamos antes de estar pronto e nunca teríamos nada. Como fizemos os jogos para a escola, já pudemos até brincar com as crianças". A produção manual - que no processo ganhou um significado mais artístico que utilitário - havia despertado o sentimento de coletividade, de grupo. Descobrimos que compartilhar é mais do que estar junto, as professoras passaram a compartilhar leituras discussões e elaboração de projetos para a escola. A diferença neste caso é que a conquista veio das mãos para a cabeça.

Há muito tempo estamos defendendo a autonomia das crianças. Mas, quantas vezes, esta mesma defesa à autonomia falta ao professor? Será que estamos vivendo com o lúdico igual contradição?

Pensar, ler e discutir sobre o tema é muito importante, mas, experimentar a autonomia ou a ludicidade é diferente e igualmente importante quanto viver a interação e como ser/fazer é essencial para todos nos artesãos do educar.

Quando não oferecemos ao professor a oportunidade da experiência lúdica, negamos lhe toda a riqueza que almejamos que ele ofereça aos seus alunos. Buscar brincadeiras de outros tempos, construir brinquedos ou recriar jogos são caminhos, portas importantes e sem dúvida, facilitadoras do processo de busca desta ludicidade/humanidade, mas ela não está necessariamente no brincar.

As transformações mais interessantes e significativas que observamos nas práticas lúdicas junto aos alunos decorrem de uma formação que favorece a emergência da ludicidade/humanidade do professor e possibilita que ele a incorpore e a esparrame para além de brinquedos e brincadeiras. A fala desta professora ilustra o momento de tomada de consciência desta transformação: "Nós não mexemos nos brinquedos, não mudamos muito as brincadeiras, já os trouxemos para dentro da gente."

5. O BRINCAR E A SEXUALIDADE

Existem diversas formas de apresentar o tema para a criança passar a conhecer os limites sexuais por meio das brincadeiras. Assim como para outros tipos de brincadeiras, é necessário um espaço apropriado para as atividades, assim como materiais adequados e a possibilidade de repetição dos jogos, afim de enriquecer e valorizar os mesmos, ajudando a resolver conflitos e respeitando as preferências de cada criança para que ela possa expressar seus interesses livremente.

Os livros, por exemplo, são essenciais para crianças que ainda estão na fase de alfabetização pois se transformam em uma brincadeira, além de trabalhar o lúdico a criança, torna-se possível trabalhar outras fases cognitivas do seu desenvolvimento.

A história da “Chapeuzinho Vermelho” conta sobre uma menina que morava com a sua mãe em uma casinha perto do bosque. Certo dia, andando pelo bosque para ir até sua avó, chapeuzinho encontrou um lobo que perguntou aonde ela estava indo, ao que ela respondeu que estava indo levar doces para vovó. No fim, o lobo entrou na casa da avó, vestiu as roupas da idosa e ainda se deitou na cama dela, enganando chapeuzinho. Porém, um lenhador que passava perto da casa ouviu a gritaria e resolveu ajudar. O homem entrou na casa para salvar a menina e a vovozinha.

De acordo com Oresteia (2002) a história da chapeuzinho é vista por várias versões e interpretações diferentes para a educação infantil. O livro faz com que as crianças percebam que não se deve confiar em estranhos, muitas vezes pessoas próximas ou que compram a criança com doces, comidas, brincadeiras, abusando da inocência da mesma para atingir seus objetivos.

Além de ser um tema difícil de ser discutido, há também a dificuldade de trazer o conteúdo em sala de aula. Um princípio básico para as aulas é, destacar para o aluno que ele precisa ser ativo em todo o processo de aprendizagem, são as estratégias que o professor escolherá que o aluno se envolverá, pensará, falará, participará e discutirá. O aluno deve ser ativo em todo o processo de aprendizagem e o professor é aquele que deve criar as condições para este aprender e criar, e não ser um mero transmissor de conhecimentos.

Para ensinar sobre sexualidade, é preciso saber ouvir. Qualquer estratégia de ensino dos professores deve possuir paciência ao ouvir os seus alunos. Sobre o tema educação sexual, trata-se de muito mais do que trabalhar os conteúdos da biologia e da fisiologia, é também a questão da sexualidade como fundamental conhecimento sobre si. É preciso ter em mente que é necessário um espaço para o aluno expressar dúvidas e sentimentos, assim como fazer perguntas que normalmente não consegue perguntar aos pais, seja por vergonha ou outros motivos pessoais e variáveis. Com um professor, o aluno pode se sentir mais à vontade para falar, o que é fundamental nessa relação educativa que é tão íntima e ainda, importante. normalmente ele se sente mais à vontade para falar isso é fundamental.

É preciso termos clareza de que os temas das aulas precisam ser trabalhados com alegria e descontração, ou seja, deve haver alegria em todo o trabalho, assim como em todo o encontro dos alunos quando para pensar ou para debater, e ainda, o mais importante na educação sexual é que o aluno tem a oportunidade de pensar sobre o tema e desenvolver a criticidade e as estratégias que se tornarão um meio para alcançar o objetivo traçado.

6. CONCLUSÃO

Levando em consideração os aspectos apresentados, nota-se a grande importância da educação sexual, e enquanto professores, apenas podemos compreender e ensinar, tentando incansavelmente diminuir a taxa de abusos sexuais infantis e conseqüentemente, da mortalidade infantil.

Quanto à gravidez na adolescência/infância, vê-se que a maneira de evitar essas situações dramáticas é a prevenção, realizada através de diálogo, em busca da superação das dificuldades de comunicação entre pais e filhos, e também, a busca pela informação e métodos contraceptivos que possam auxiliar nas ocorrências do mesmo, quando necessárias.

Devemos destacar que abordar o abuso infantil como conseqüência é importante, já que a educação sexual pode auxiliar na diminuição dos casos ou mesmo aumento das denúncias, vez que a criança estará informada do que evitar ou mesmo como denunciar tais ações em vista de manter-se em segurança.

Sendo assim, sexualidade deve ser apresentada durante a infância afim de evitar males como a gravidez indesejada, doenças sexualmente transmissíveis, informar quanto a gêneros e repreender as desigualdades.

Devemos reconhecer, por fim, que todo processo de educação social é relevante para a educação sexual devido a quantidade de culturas e pessoas as quais as crianças são expostas desde cedo, sendo assim, há a necessidade de uma comunidade educacional que compreenda a educação sexual como a permanente educação e reeducação da

sexualidade quanto a igualdades significativas com o objetivo de emancipação do ser humano, e não a simples descrição formal de identidades biológicas.

7. REFERÊNCIAS

BROUGÈRE, Gilles. Jogo e educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

FREIRE, Madalena (org). Rotina: construção do tempo na relação pedagógica. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1998.

FREUD, S. Cinco lições de Psicanálise. Rio de Janeiro: Imago. 1970.

FROEBEL, F. Pedagogics of the Kindergarten - or his ideas concerning the play and plaything of the child. HARRIS, W.T. (Ed). The international series. New York/London: D. Appleton and Company, 1912. vol 30.

GABEL, M. Crianças vítimas de abuso sexual. São Paulo: Summus Editorial. 1997

KRAMER, Sonia. e LEITE, M. I. Infância e Produção Cultural, Campinas, Papyrus, 1998.

MORA, Estela. Psicopedagogia Infanto- Adolescente - O bebê. 2008.

BOCHURA, César Nunes. A educação Sexual da Criança. 2006.

ORENSTEIN, Catherine. Little Red Riding Hood uncloaked: sex, morality and the evolution of a fairy tale. New York, Basic Book, 2002.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin (Colab.). Desenvolvimento Humano. 12 Ed.Porto Alegre; AMGH Editora, 2013.

PIAGET, Jean. A formação do símbolo na criança. Tradução Álvaro Cabral. 2. ed. Rio de Janeiro: Jahar Editores, 1975.

SALVADOR, César. Mariana Miras. Javir Onrubia, Isabel Solé. Psicologia da educação. ARTMED, SP. 1997.

SCHWANKE, M.; PINTO, A. B. A percepção dos adolescentes residentes no município de Alto Bela Vista - SC sobre a gravidez na adolescência.

Referencial curricular nacional para a educação infantil /

Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação

Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.